

UMA ROSA NA CIÊNCIA

Américo Venâncio Lopes Machado Filho
Universidade Federal da Bahia

Disse António Gedeão (2010, pp. 9-10), grande poeta português, em uma de suas antologias poéticas, que “(...) Onde uns veem luto e dores / uns outros descobrem cores / do mais formoso matiz (...)”.

Certa feita disse eu – esse ser anônimo e sem tonalidade definida neste texto –, em um momento de arroubo filosófico-amador, que a “impressão ótica causada pelas cores depende sempre da perspectiva de quem as observe e do contexto em que estejam inseridas”, podendo revelar a cada olhar “desde tons dispersos em uma paleta abandonada, até uma bela aquarela emoldurada” (MACHADO FILHO, 2009, p. 7).

Das diferentes cores que minha visão pôde perceber na galeria da ciência brasileira, uma me causou e ainda me causa, mesmo após seu desaparecimento secular, isto é, vital, uma impressão que condiz com o próprio nome que lhe assegurou o lugar na memória: Rosa.

Rosa, cujo campo semântico estende-se, em português, a diferentes entradas no dicionário. Para além da cor, derivada da mistura do vermelho e do branco, recobre esse – também antropônimo feminino – uma flor, das mais conhecidas de todos os tempos, e cujo leque de cores ultrapassa a dimensão do matiz original, que a princípio tenha buscado, no léxico, representar. Uma rosa nem sempre é rosa, como se sabe. Aliás, já muito foi dito que “na vida, nem tudo são rosas”, conquanto sempre nos reverberem os versos de Gertrude Stein (1922), em *Sacred Emily*: “*A rose is a rose is a rose is a rose*”.

Sendo assim dito e redito, sim, assim, essa Rosa, a que antes me referi, reditamente. Uma Rosa Virgínia Mattos e Silva. Uma das mais expressivas pesquisadoras em linguística histórica e da história da língua portuguesa, no mundo. Uma mulher, uma mãe de quatro filhos, uma esposa, a esposa de Pedro, um antropólogo, de mesmo prenome do discípulo de Gregório Magno, que, em seus conhecidos *Diálogos*, instruía e, sobre cujo manuscrito, se debruçou Rosa Virgínia Matos e Silva, na mais completa edição já realizada de tão importante espólio documental em português. Uma cientista, que fez da pesquisa em língua portuguesa um padrão para a construção do sentido do poder. Uma. Apenas isso. Ou tudo isso. Uma.

A consciência da construção de um legado guiou, certamente, suas ações. Talvez porque pensar em Deus fosse “desobedecer a Deus, / Porque Deus quis que o não conhecêssemos, / Por isso se nos não mostrou...” , como disse Fernando Pessoa (1977, p. 208). Descobrir, portanto, o encoberto seja o espírito que orienta essas mulheres na ciência, inobstante uma profissão de fé, que, no caso de Rosa Virgínia Mattos e Silva, constituía-se em claro paradoxo. Mas como bem defendeu Agostinho da Silva, seu sogro, fato que se deve aqui ter em conta: “Não sou do ortodoxo nem do heterodoxo; cada um deles só exprime metade da vida, sou do paradoxo que a contém no total” (SILVA, 2006).

Não sabia dirigir um veículo automotor, sequer andar de bicicleta ou mesmo utilizar um computador, mas suas mãos guiaram diversos estudantes a construir uma carreira científica, como se, para além dos seus próprios, ainda criasse os filhos do saber. Muitos deles hoje desempenham papel relevante em universidades brasileiras.

Certa feita, comparei, com todas as vênias, Rosa Virgínia Mattos e Silva a duas “animalias”, dentre as muitas representadas em um bestiário do século XIV: ao galo e à andorinha. Com o primeiro porque “fazem seu ofício com verdade”. Era esse seu lema. Com a segunda, para além do belo nome feminino que detém e recobre toda a espécie, incluindo-se os machos, em razão de – com a licença de manutenção da grafia original do português arcaico – ter “conhecimento natural pera fazer seu ninho em logares firmes (...) e ñ em logares que ligeiramente possa caer, nem em logar muyto alto em que lhi o vento ligeiramente poderia enpeecer” (Cf. MACHADO FILHO, 2013).

Celebrar o papel da mulher na ciência é permitir, pois, que seus nomes, de diferentes cores e étimos, possam direcionar o que se tem tornado comum no mundo pós-moderno: a pesquisa em buscadores da Internet. Deixo, então, este, que certamente haverá de surpreender qualquer leitor, “descobrimo cores”: Rosa. Melhor dizendo: Rosa Virgínia Mattos e Silva.

Salvador, 7 de abril de 2021

Referências

MACHADO FILHO, Américo. Prefácio. In: OLIVEIRA, Klebson et al. (orgs.). **Novos tons de rosa**. Salvador: Edufba, 2009, pp. 7-10.

MACHADO FILHO, Américo. **Rosa Virgínia Mattos e Silva: sobre a vida e a obra de uma linguista histórica brasileira**. Conferência apresentada no XVII Congresso Nacional de Filologia e Linguística, no dia 27 de agosto de 2013, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Disponível em https://gruponemesis.ufba.br/sites/gruponemesis.ufba.br/files/conferencia_xvii_cnfl.pdf.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.

SILVA, Agostinho da. **Pensamento à solta**: um manuscrito autógrafo. Introdução, leitura paleográfica, fixação do texto, notas históricas e filológicas de Pedro Agostinho. Salvador: Edufba, 2006.

STEIN, Gertrude. **Geography and plays**. New York: Dover Publications, 1922.